

“ROSA DE CARNE” E A CONSTITUIÇÃO DA VIOLÊNCIA SOCIAL E INTRAFAMILIAR

Enderson de Souza Sampaio*
Maria Luíza Germano de Souza**

Resumo: Propõe-se, neste estudo, uma leitura da obra poética *Mundo mundo vasto mundo* (2005), de Carlos Gomes. A análise privilegiará especialmente a narrativa “Rosa de carne”, focalizando os seguintes eixos temáticos: a) a exploração do trabalho infanto-juvenil; b) violência intrafamiliar; c) o êxodo rural; d) a relação intertextual entre “Poema de sete faces” de Carlos Drummond de Andrade e a ficção de Carlos Gomes. Para tanto, recorreremos às contribuições de Pelegrini (2005), Gongora (2007), Lima (2005), Souza (2010), Martins (2013), Telles (2014), dentre outros.

Palavras-chave: Violência, Ficção, Trabalho infantil, Carlos Gomes.

Resumen: Se propone, en este estudio, una lectura de la obra poética *Mundo mundo vasto mundo* (2005), de Carlos Gomes. El análisis se centrará especialmente en la narrativa “Rosa de carne”, enfocando en los siguientes temas: a) la explotación del trabajo infantil; b) la violencia doméstica; c) el éxodo rural; d) la relación intertextual entre “Poema de siete faces” de Carlos Drummond de Andrade y la ficción de Carlos Gomes. Por eso, nos volvemos a los aportes de Pelegrini (2005), Góngora (2007), Lima (2005), Souza (2010), Martins (2013), Telles (2014), entre otros.

Palabras-clave: Violencia; Ficción; Trabajo Infantil; Carlos Gomes.

1 Introdução

No estudo aqui em destaque, propomo-nos a fazer uma leitura crítica acerca do conto “Rosa de carne”, do prosador amazonense Carlos Gomes. O foco da análise privilegiará questões atinentes ao próprio texto ficcional, no entanto, nos deteremos nos seguintes pontos: a) a exploração do trabalho infanto-juvenil; b) violência intrafamiliar; c) o êxodo rural; d) a relação intertextual entre o poema drummondiano e a ficção de Carlos Gomes. Dessa forma, este trabalho encontra-se organizado em quatro tópicos, a saber: 1) Percursos sobre a vida e obra de Carlos Gomes; 2) “Rosa de carne”: uma narrativa e seus elementos composicionais; 3) Violência e Literatura: breve perspectiva dialógica e conceitual; 4) Figurações da violência em “Rosa de carne”. Dada essas informações, interessa-nos neste estudo tratar de um conto

* Graduando em Letras (Português) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

E-mail: endersosampaio@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8341692272594150>

** Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, Especialista em Literatura Brasileira Moderna e Pós-Moderna, Graduada em Letras (Português) e em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

E-mail: germanoletras@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0624168238763044>





em especial, “Rosa de carne”, que traz à baila a problemática social da migração de famílias do interior rumo à cidade grande. Por meio da análise narrativa, mostraremos a relação conflituosa/violenta envolvendo as personagens (pai/mãe/filho) e como isso se configura na diegese.

2 Percursos sobre a Vida e Obra de Carlos Gomes

Ao tecer comentários acerca do livro *Mundo mundo vasto mundo*, de Carlos Gomes, especialmente sobre o conto “Rosa de carne”, Márcio Souza, em publicação intitulada *A expressão amazônica – do colonialismo ao neocolonialismo* (2010), argumenta que

o contista brinca com seu tema, sem deixar de colocar certos tons sombrios, como no conto “Rosa de carne”, o mais conhecido. Destacando as pétalas da ferida, como seu pequeno personagem de “Rosa de carne” sofria na pele, essa literatura parece liberta. (SOUZA, 2010, p. 225).

Já Tenório Telles, em obra intitulada *Clube da Madrugada – presença modernista no Amazonas* (2014), evidencia que relativo à temática, *Mundo mundo vasto mundo* encontra-se enfeixado em consonância com a seguinte estrutura: i) os folclóricos: “Bumbá” e “Rebolo”; ii) os pesadelos: “Preto e Branco”, “Presságios”, “Reconstrução”, “Pio ofício ou a estranha velha que enforcava cachorro”; iii) os sociais: “Vó Hermengarda”, “Rosa de carne”; iv) os que tratam da incomunicabilidade entre os seres: “Assunto perdido”, “Madalena” e “Flor de cacto”; e v) os que descrevem a vida provinciana: “Antes da nomenclatura”, “Figa, pé de pato, bangalô três vezes...” e “A homenagem”.

Nesse sentido, o que fica evidente, conforme a análise de Tenório Telles, é que a obra de Carlos Gomes não possui uma unidade temática, no entanto apresenta uma diversidade temática a qual pode ser observada de acordo com a segmentação acima.

3 “Rosa de Carne”: uma Narrativa e seus Elementos Compositivos

Nas palavras de Tenório Telles (2014), apesar de os contos de *Mundo mundo vasto mundo* se encontrarem estruturados pelo escopo da diversidade temática, o que confere unidade às narrativas são os relatos de um narrador irônico que dá aos textos uma unidade completa. Essa ironia de um narrador onisciente intruso, à feição de Machado de Assis, é perceptível a partir da apreciação do refrão do conto, que também é funcional e irônico. Vejamos: “*era pobre, com a graça de Deus, mas honrado*” (GOMES, 2005, p. 50). Havendo a necessidade de abordar o conteúdo irônico no texto, ressaltamos que “a ironia não é apenas alguma coisa que acontece; é alguma coisa que pelo menos pode ser representada acontecendo” (MUECKE, 1995, p. 91), ou seja, o leitor literário pode interpretar a ironia por diferentes perspectivas, uma vez que ela está acontecendo e se atualizando a cada momento de fruição, logo cabe ao leitor captá-la ou não. Deste modo, tendo o refrão do referido conto uma funcionalidade estilística que é marcar o discurso irônico na configuração do perfil desta família, ou melhor, deste pai, que mesmo pobre vê-se honrado.





A última frase do conto também serve para exemplificar a ironia deste narrador “Era preciso que ela voltasse a botão e daí a nada, deixando embora o estigma de sua passagem pela mão do menino pobre, com a graça de Deus” (GOMES, 2005, p. 52). Além da questão da ironia do refrão/bordão, repetido à exaustão ao longo do conto, tem-se uma prerrogativa marxista clara: a de que a religião é o ópio do povo. Ou seja: o pai da criança do conto “Rosa de carne”, repetindo o refrão, está à procura de algo que afirme as suas atitudes perante a família, assim, refugia-se no mundo divino, afirmando-o, uma vez que o mundo real é cruel demais: “A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, tal como o é o espírito de uma situação sem espírito. É o ópio do povo” (Marx, 1969, p. 304).

A narrativa é um relato de teor crítico-social, sobre esse aspecto Zemaria Pinto, em seu livro *O conto no Amazonas* (2011) argumenta que “[...] em 1966 *Mundo mundo vasto mundo* contribuía com a renovação do conto no Amazonas, mantendo-se numa linha urbano-realista, marcada pela ironia e pela invenção” (PINTO, 2011, p. 78).

No conto, a técnica do discurso indireto livre expõe a fala das personagens. Ao fazer uso deste recurso, o autor põe o leitor em contato direto com as *personas* representadas. Na fala deste narrador, a ‘rosa de carne’ é a marca do crime cometido pelo pai, porém quem sofre e sente a dor causada pela intolerância paterna é o menino que terá marcado em suas mãos um símbolo da violência a que foi exposto.

O título da obra de Carlos Gomes representa uma intertextualidade explícita ao “Poema de sete faces” de Carlos Drummond de Andrade. Leiamos alguns versos do poema: “Mundo mundo vasto mundo, / se eu me chamasse Raimundo / seria uma rima, não seria uma solução. / Mundo mundo vasto mundo, / mais vasto é o meu coração.” Com base na leitura desse fragmento do poema de Drummond, observamos que a intertextualidade ocorre porque Carlos Gomes extrai um dos versos do poema acima mencionado para criar sua prosa. Porém, a obra de Carlos Gomes trata do vasto mundo da Amazônia.

No livro *Introdução à semanálise* (2005), cuja autoria é atribuída à Julia Kristeva, encontramos umas das primeiras e mais difundidas noções de intertextualidade. Para a autora, “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, instala-se a de *intertextualidade*” (Kristeva, 2005, p. 68). Nesse sentido,

a *intertextualidade* fica sendo definida, de acordo com as reflexões de Kristeva, como o processo de interação e intercâmbio semiótico de um texto primeiro com outro texto, ou outros textos, particularmente com o texto cultural, o texto histórico e o texto social, (na medida em que os três se interseccionam sem, no entanto, serem redutíveis um ao(s) outro(s) (KRISTEVA apud ALÓS, 2006, p. 14).

Ainda acerca da intertextualidade, podemos pensar no termo como um diálogo entre textos, bem como sendo também uma categoria de análise literária.





3.1 “Rosa de carne”: uma metáfora estruturante

“Rosa de carne” é uma metáfora que estrutura toda a narrativa, porque o sentido do vocábulo ‘rosa’ encontra-se deslocado do seu significado original, posto que a rosa do conto não represente uma flor, no sentido literal, mas trata-se da representação metafórica de ferida em brasa na mão de uma criança. Vejamos um fragmento da diegese, a fim de verificarmos o que foi dito acima: “o cheiro das pétalas não sabia bem. Havia de removê-las, para nascerem outras com odor de carne sadia. Rosa de carne, pétalas humanas, vermelho-vivo umas, amarelas outras, apodrecendo a mão do menino” (GOMES, 2005, p. 49).

Ainda sobre esse aspecto, vale pensarmos nas contribuições do professor Francisco da Silveira Bueno (1964), em seu livro *Estilística Brasileira: o estilo e sua técnica*. Nessa obra, o autor discute sobre a natureza da metáfora em textos literários. De acordo com o referido por ele “a essência da metáfora está na aplicação de um símbolo a outro, mas de ordem diferente, do concreto para o abstrato, do abstrato para o concreto ou de concreto para concreto, porém, em sentido translato, figurado” (BUENO, 1964, p. 144). Para Bueno, existem autores que exigem que as metáforas sejam sempre elevadas, o que não é de todo aceitável. Posto que haja assuntos irônicos nos quais as comparações aparecem pouco nobres justamente para ferir, para criticar (BUENO, 1964). É justamente nesta vertente metafórica que se encaixa o conto, ou melhor, a metáfora que estrutura a ficção de Carlos Gomes, uma vez que, por se tratar de uma relação parental alicerçada pelo vetor da violência extrema, a metáfora é o subsídio que o autor encontra para criticar o relacionamento paterno. Sendo tal relacionamento regido pelo autoritarismo e pela violência para com o menino que tem sua mão queimada pelo próprio pai, configurando um caso de violência intrafamiliar. Em outro conto intitulado “Tampinha”, do livro *O tocador de charamela* (2005), de Erasmo Linhares, temos um caso semelhante envolvendo a relação problemática entre pai e filho, pois o primeiro não se conforma em ser o progenitor de um menino cujo tamanho não lhe é compatível com a idade, isto é, o pai não sabe como lidar com o nanismo do filho, e por isso a criança é constantemente rejeitado e ignorado pelo pai.

É importante salientar que a estrutura do conto se inicia *in ultima res*, posto que a narrativa começa com fatos que pertencem ao seu desfecho, ou seja, a cena inicial da diegese é o final do conto, portanto é uma narrativa circular. Esse é um recurso utilizado para enredos não lineares como é o caso de “Rosa de carne”. A narração ocorre em *flashbacks* justamente devido a não linearidade do texto, logo o leitor deve perceber essas suspensões no decorrer da leitura da narrativa.

3.2 Mazelas sociais na ficção Amazônica de Carlos Gomes

Dentre as questões sociais abordadas nesta narrativa, apresentamos o *pauperismo*, “pobreza extrema”, o *êxodo rural*, a *exploração do trabalho infanto-juvenil e a violência*. No conto, o perfil de família retratado é o tradicional, no qual o pai exerce o seu poder sobre a mãe e sobre o filho. Por se tratar de uma família nos moldes tradicionais, podemos perceber resquícios do patriarcalismo, pois este pai é severo e autoritário.

Quanto à concepção de educação familiar, o nível educacional desta família é bastante rudimentar, pois a concepção de educação dos pais talvez seja a mesma a que foram submetidos, visto que a educação vislumbrada no conto é calcada na e pela rigidez, no sentido mais extremo, porque essa rigidez culmina nas constantes violências sofridas pelo menino submetido tanto às punições de sua mãe





quanto as do pai. A família não possui instrução, talvez por isso o extremo dos severos castigos. O excerto a seguir evidencia como o menino teve sua infância usurpada, bem como serve para representar que o garoto era constantemente agredido pelos pais. “pelada antigamente ele também jogava em serviço, mas teve de deixar, desde uma surra que lhe aplicou a mãe, por ter voltado para casa rasgado, sujo e suado, fedendo a moleque” (GOMES, 2005, p. 50).

O conto “Rosa de carne” traz a representação de muitos problemas sociais. Entre os quais destacamos a) a exploração do trabalho infanto-juvenil, b) o problema do êxodo rural e c) a violência intrafamiliar, mazelas ficcionalizadas na narrativa. Problematiza, assim, as condições adversas da sociedade na qual uma família recém-chegada a Manaus passa. Leiamos então um fragmento do texto que apresenta ao leitor a chegada da família à capital amazonense.

Família pobre com a graça de Deus, mas honrada. Eram-no, realmente. Tinham vindo de um interior distante, os trastes alienaram lá mesmo, para custearem os primeiros meses na cidade. O chefe esperava conseguir emprego, não conseguiu. Viviam de vender balas de cupuaçu, o marido às vezes pegava biscates, a mulher também lavava roupa pra fora. O menino ajudava na pequena indústria doméstica, ele já sabia muito bem quando a pasta estava em ponto de bala, mas enquanto não, reparava o tacho que queimava sobre o fogão de barro comedor de lenha verde. Depois vestia as balas, quase sempre mil, de papel vegetal. E tudo pronto, ainda era ele que saía para distribuí-las pela freguesia de subúrbio, a cesta pesando nos ombros magrinhos, pesando, pesando, o menino arriava onde quer que encontrasse parceiros para jogar bolinha com caroço de tucumã, ele era temido na pontaria (GOMES, 2005, p. 49).

Esse trecho da narrativa faz um retrato simbólico das condições as quais essa família estava exposta. Um pai desempregado, uma mãe que lavava roupas para ajudar a manter a família na cidade e uma criança que precisava trabalhar para ajudar no sustento familiar. Eis alguns fragmentos que mostram a labuta da mãe e do pai do menino. No primeiro exemplo, apresenta-se a realidade do pai, chefe da família em busca de emprego. Vejamos: “O chefe esperava conseguir emprego, não conseguiu” (GOMES, 2005, p. 50). Dessa forma, é possível observar que o emprego não era coisa fácil. Já no próximo fragmento mostra-se a labuta de uma mãe que lavava roupa para fora. “Era pouca a roupa que ela molhava, batia, esfregava, ensaboava e punha a corar todo santo dia, era pouca, ele achava, pra voltar naquelas condições? Vida desgraçada aquela, viver lavando os fundos dos outros!” (GOMES, 2005, p. 50). Os problemas endossados na narrativa são inúmeros: um pai violento e desempregado, uma mãe que representa a passividade e a revolta da mulher em meio à exaustão do trabalho braçal e doméstico, e um menino escravizado pelo trabalho infanto-juvenil e refém da truculência paterna. Esses são alguns dos problemas ficcionalizados por Carlos Gomes, problemas estes que traçam um quadro das fissuras de uma sociedade que não oferece as mínimas condições para o desenvolvimento de seus cidadãos.

Pode-se dizer que há uma invisibilidade social nestas personagens, pois elas não são nomeadas na narrativa. O pai, a mãe e o filho, como são caracterizados sem o nome, encontram-se destituídas de identidade, posto que essa marca implique pensarmos na pouca ou quase nenhuma importância dessa parcela da sociedade. Vale ressaltar também que tais personagens se assemelham ao modo de não





nomeação das personagens 'crianças' do romance, *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, uma vez que, neste romance, as personagens também não possuem nomes para identificá-las.

Em relação ao furto, ação que norteia o texto, este ato é cometido pela figura de um menino, uma criança que, em meio às condições severas de violência social e intrafamiliar, acaba por retirar algumas notas (dinheiro) de um comércio, tal delito é cometido com o objetivo de suprir as necessidades alimentares e os desejos de criança do menino. Porém, esse ato é punido com rigor e severidade, o que tematiza a violência no conto. Dessa forma, somos levados a pensar que o garoto, ao ser punido/agredido, representa uma parcela de garotos da sociedade, ou seja, este menino está no lugar de outros de mesmo extrato social, é uma imagem de muitas outras crianças, pois ele representa aqueles que são filhos dos menos abastados em nível intelectual e, por isso, sofrem o rigor do autoritarismo parental. Vejamos:

[...] quando o freguês bateu à sua porta, furibundo, acusando o menino de ter-lhe surrupiado uma nota de conto, a única que no momento estava na gaveta, e não fazia muito, porquanto a recebera de um devedor que mal dera as costas. “Pois seu baleiro, foi tudo tão rápido, enquanto fui lá dentro buscar a lata pras balas. Seu menino é sagaz, ligeiro, um verdadeiro rato, me desculpe a expressão” (GOMES, 2005, p. 51).

O trecho apresentado acima representa o motivo pelo qual o menino é castigado. Por que a criança comete tal delito? Será que isso é suficiente para que uma criança tenha a sua mão queimada? Ou será também que as precárias condições de vida na cidade justificam o pequeno furto? Leiamos:

Verdade que nem sempre se come bem, nunca se janta, é só café com pão, e olhe lá que ainda se ganha de muita gente! Antigamente, tinha-se manteiga e leite, à noite. Mas, de uns tempos pra cá, tornou-se impossível esse luxo de leite e manteiga, você não vê que tá tudo pela hora da morte? O açúcar e a fruta custam os olhos da cara. Um cupuaçuzinho assim, do tamanho de um ovo, está por duzentos cruzeiros! Já se foi o tempo que caboclo era besta e vendia tudo por pouco mais ou nada (GOMES, 2005, p. 51).

Depois da leitura deste fragmento, podemos observar que muitas eram as adversidades enfrentadas por essa família. A quase escassez de alimento revela o grotesco quadro de uma sociedade hostil, que em nada beneficia aqueles que dela necessitam. Assim e ainda de acordo com o fragmento acima, podemos ver a reflexão das personagens acerca da inflação que assola os preços dos alimentos básicos. O alto preço dos produtos alimentícios e a falta de capacitação do caboclo contribuem para o pouco lucro da rústica empresa doméstica. Sendo que a principal fonte de renda desta família se concentra na confecção e distribuição de balas de cupuaçu, porém não usufruía dos recursos/lucro por ele produzidos.

Trazendo à discussão o pensamento de Karl Marx acerca do proletariado, torna-se premente ressaltar que a figura do menino fornece o trabalho e é explorado pelo processo de produção das balas de cupuaçu, não tendo a possibilidade de desfrutar dos recursos por ele alcançados no trato da indústria familiar. Nesse sentido, Karl Marx se referiu aos operários da indústria, como “homens-fruto de uma





moda passageira [...], nada mais que uma invenção dos tempos modernos, como o próprio maquinário”. (MARX e ENGELS, s/d, p. 299 apud ALVES, 1999, p. 41) E acrescenta que o homem é aprisionado pelas suas próprias mãos quando aceita ser a fonte de lucro do outro, ser a engrenagem que faz o capitalismo funcionar, uma vez que “assim como na religião o ser humano é dominado pela obra de sua própria cabeça, assim, na produção capitalista, ele o é pela obra de sua própria mão (MARX, 1984, p. 193 apud ALVES, 1999, p. 29).

Conforme a fala de Karl Marx, podemos pensar no menino como a máquina que move a produção capitalista de sua própria família, porém é lícito enfatizar que é pelo suor do seu trabalho que o menino é dominado.

4 Violência e Literatura: Breve Perspectiva Dialógica e Conceitual

Diante do mencionado e à luz das considerações de *Violência intrafamiliar – Orientações para a prática em serviço* (2001), diz-se que se configura como prática de violência intrafamiliar:

toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consanguinidade, e em relação de poder à outra. O conceito de violência intrafamiliar não se refere apenas ao espaço físico onde a violência ocorre, mas também as relações em que se constroem e efetuam. (BRASIL, 2001, p. 15).

Conforme o exposto acima é lícito pontuar que a violência intrafamiliar ocorre quando um sujeito exerce poder sobre outro no âmbito das relações familiares. No tocante ao conto em questão, esta modalidade de violência é desencadeada pelo pai que age tendo como prerrogativa da autoridade paterna que é levada ao extremo.

O conto “Rosa de carne” narra em seu enredo à história de uma família vinda do interior do Amazonas. Esta família migra para a capital do estado, Manaus, em busca de melhores condições de vida. Dessa forma, é possível pontuar que a narrativa aborda os temas engendrados em seu enredo pelo prisma social, entre essas temáticas elencamos: *a violência em seus diversos ângulos, a exploração do trabalho infanto-juvenil, o desemprego e o êxodo rural*. Ainda sobre esse aspecto ressaltamos que

“Rosa de carne” teve múltiplas vidas. Participou de inúmeras antologias e parece grudar-se à memória de seus leitores. O enredo é simples: um pai, pobre, mas honrado, descobre que o filho anda cometendo pequenos furtos e, como castigo, esquenta uma moeda e ferra-lhe a mão, criando ali uma rosa de carne, signo de seu crime. A estrutura moral rígida do pai cria um quadro trágico, de emoções supremas. (TELLES, 2014, p. 163).

Ao que percebemos do fragmento acima, o conto apresenta um enredo simples, porém a narrativa é sinuosamente complexa em suas temáticas. Sendo assim, buscamos por meio da leitura e





análise de “Rosa de carne” apresentar aos leitores as temáticas mencionadas acima. Ademais, faz-se necessário enfatizar que o referido conto dialoga com o estudo *Narradores da exclusão ou a infância pobre na literatura brasileira contemporânea*, (2013), de Giorgina Martins. Em seu texto, a autora salienta que

[...] investigar o lugar que a criança ocupa na literatura é, acima de tudo, a possibilidade de refletir sobre o passado, o presente e quiçá o futuro da humanidade, além da chance de dialogarmos com a nossa própria infância, uma vez que esse período da existência configura-se em nosso estado original, lugar onde psicanálise, arte e filosofia até hoje buscam pistas para compreender o homem. Em função das limitações de sua natureza, a infância tem sua história narrada pelos adultos. Desde sempre, escritores de todas as nacionalidades se debruçaram sobre esse período, ora encarando a própria infância, ora refletindo sobre as dores e as alegrias das infâncias que imaginavam ou que enxergavam de suas janelas. Inúmeras são suas representações, que vão desde o espaço onde se pode evadir do mundo real, até o confronto com a dureza do presente e os riscos de não se chegar ao futuro. (MARTINS, 2013, p. 119).

A partir do relato de Giorgina Martins, é possível dizer que Carlos Gomes aborda em “Rosa de carne” o dilema da infância ou da usurpação dela, pois a infância deixa de ser vivida pela personagem principal e em seu lugar há o trabalho infante-juvenil ao qual é subjugado. Também ressaltamos que o escritor, de sua janela, representa a dolorida e a violenta infância de um menino que sofre as mais severas punições de seus pais, uma vez que, como é possível verificar a partir da leitura do conto, o garoto ora é agredido pela mãe, ora é castigado com requinte de crueldade pelo sujeito que exerce o papel social de pai.

5 Figurações da violência em “Rosa de carne”

A professora e pesquisadora Tânia Pelegrini, em seu texto cujo título é *As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea* (2005) assevera que

é inegável que a violência, por qualquer ângulo que se olhe, surge como constitutiva da cultura brasileira, como um elemento fundador a partir do qual se organiza a própria ordem social e, como consequência, a experiência criativa e a expressão simbólica, aliás, como acontece com a maior parte das culturas de extração colonial. Nesse sentido, a história brasileira, transposta em temas literários, comporta uma violência de múltiplos matizes, tons e semitons, que pode ser encontrada assim desde as origens, tanto em prosa quanto em poesia: a conquista, a ocupação, a colonização, o aniquilamento dos índios, a escravidão, as lutas pela independência, a formação das cidades e dos latifúndios, os processos de industrialização, o imperialismo, as ditaduras (PELEGRINI, 2005, p. 134).





O crescente processo de urbanização trouxe consigo novos e complexos problemas de ordem social. Na literatura, a retratação de tais problemas exige também uma adequação quanto à forma como surgem, persistem e se resolvem no cotidiano das pessoas (GONGORA, 2007).

No conto “Rosa de carne”, as cenas/imagens da violência são apresentadas ao leitor de forma explícita, uma vez que, ao castigar o filho que pratica o ato de furtar, o pai pune-o severamente e, assim, exerce seu poder de dominação masculina para usar os termos de Pierre Bourdieu. Em sua obra, *A Dominação Masculina* (1998), Bourdieu argumenta acerca do processo de dominação. Diz o autor que

[...] longe de afirmar que as estruturas de dominação são a-históricas, eu tentarei, pelo contrário, comprovar que elas são produtos de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos [...] e instituições, famílias, Igreja, Escola, Estado. (BOURDIEU, 1998, p. 46).

Cabe lembrar que, em se tratando dos *agentes específicos*, podemos aproximar a figura paterna, a qual exerce sua autoridade apoiado numa ordem simbólica que rege e/ou impõe à dominação. Noutros termos, a relação de dominação se intensifica quando o pai, agente individual, é aquele que atua para a subordinação do filho e da esposa. Assim temos um sujeito individual com autoridade para decidir sobre os demais membros da família, ou seja, a figura paterna na diegese é marcada pelo autoritarismo e pela intolerância, porque quem sente na pele a truculência do pai é o filho, este é castigado com uma moeda em brasa, símbolo da violência de seu pai, que marca na mão do filho de ‘rosa de carne’.

Além do que já foi mencionado acima, torna-se importante dizer que esse menino sofre dupla violência: *social e intrafamiliar*, posto que a sociedade o pune diariamente. Nesse contexto, faz-se necessário enfatizar que os pais ‘secos’, ‘endurecidos’ com o sofrimento da vida tratavam-no com a mesma cordialidade com que foram tratados pela sociedade. Vejamos então, como a violência é elemento constitutivo desta família. Eis um trecho da narrativa que mostra como é o tratamento dado ao garoto:

Mulher, eu quero aquela moeda de trezentos réis antiga, que vais fazer homem com o menino? Vá buscar a moeda, deixe comigo o resto, esse desgraçado vai ser exemplado, não estou para mais tarde sofrer humilhação pior que a de hoje. O menino não tem compreensão, marido, não quero ladrão em casa, mulher, você me conheceu pobre, com a graça de Deus, mas honrado. (GOMES, 2005, p. 51-52).

Pensemos assim: eles, os pais, expõem o que são e como são. Tratam a criança como foram tratados, neste contexto, a violência é elemento fundante para essa família e é por meio dela que se organiza a própria ordem social, nesse sentido, afirma-se que “a violência intrafamiliar é um problema social de grande dimensão que afeta toda a sociedade, atingindo, de forma continuada, especialmente mulheres, crianças, adolescentes, idosos e portadores de deficiência” (BRASIL, 2001, p. 7). Sendo assim, pontuamos que é prática constante nesta família o recurso ao autoritarismo como forma de opressão, uma vez que os castigos eram companhia constante para o menino.





Em seu estudo acerca da representação da violência Grasiela Lourenzon de Lima (2010), pontua que:

A literatura brasileira contemporânea tem sido marcada pela estetização da violência, a qual está na base da série social. Cada vez mais os estudos literários, e o próprio fazer literário, têm demonstrado preocupação com os problemas ligados ao acesso à voz e a representação dos múltiplos grupos sociais. Percebe-se um crescente debate sobre o lugar na literatura para os grupos marginalizados, entendidos como aqueles que não são valorizados pela cultura dominante, devido a questões relacionadas a sexo, cor, etnia, condições socioeconômicas, entre outras (LIMA, 2010, p. 2).

Ainda no tocante à temática abordada, pode-se dizer que a violência humana, desde sua mais remota origem, sempre esteve ligada à relação de poder. O poder, por sua vez, sempre esteve ao alcance daquele que melhor soube conquistar para si os seus objetos de desejo, fossem eles de ordem material, espiritual ou simbólica (GONGORA, 2007, p. 22). No caso do conto em análise, a figura paterna exerce poder sobre seu filho, o qual é severamente castigado, sofrendo desde a violência física até a moral e a social.

Na literatura que se produz no Amazonas é constante a problematização da violência. Inúmeros são os exemplos da ficcionalização da violência em livros em prosa ou em verso. Astrid Cabral, contista e poetisa amazonense pinta em seu poema “Tartarugada”, do livro *Visgo da terra* (2005), a violenta morte de uma tartaruga, os versos explicitam grotescamente o ritual de ceifamento da vida de uma tartaruga. Já Arthur Engrácio (1927-1997), expõe em seus contos as mais violentas revoltas que os ribeirinhos da Amazônia sofreram. Em suas *Histórias de submundo* (1960), revela-se o cruel e o violento submundo das florestas e dos rios amazônicos. Os contos “Mal traçadas linhas para Deusilene” e a “Revolta” são exímios exemplos dos seus escritos que retratam a violência a qual os caboclos foram expostos. No primeiro conto, o personagem Manduca, que também migra para Manaus com sua família em busca de melhores condições de sobrevivência e emprego, é humilhado ao sofrer diversos tipos de violência em Manaus. A segunda narrativa retrata as constantes violências que os caboclos que tiravam o látex em pleno ciclo da borracha sofriam dos coronéis.

Além desses exemplos, o poema épico *Muhuraida*, do português Henrique João Wilkens, retrata as violências a que os índios estavam sujeitos na época da colonização portuguesa no Amazonas. Uma das violências mais constantes no poema é o genocídio, ou seja, a prática deliberada de extermínio dos nativos da região, essa temática concentra as ações da epopeia amazônica, uma vez que os portugueses consideravam os índios como sendo seres animalizados, ferozes e incivilizados. Na ótica dos colonizadores portugueses, os nativos eram destituídos de valores morais e religiosos. Logo, deveriam ser eliminados.

Assim, tendo em vista os exemplos arrolados da Literatura que se produz na Amazônia, vê-se que a violência é uma constante tanto nas produções ficcionais em prosa quanto na poesia. Conforme elencamos acima, inúmeros são os autores e obras que ficcionalizam sobre a violência em seus escritos. Tais escritores versam acerca dos mais variados tipos de violência: violência sexual, política, moral, social, espiritual, cultural, física e simbólica.





Em “Rosa de carne”, a violência novamente se perpetua como temática central da narrativa. Neste conto há vários tipos de violências, entre as quais destacamos a violência intrafamiliar sofrida pelo filho e desencadeada pelos pais que constantemente agrediam essa criança, os castigos eram desde pequenas surras, agressões verbais até o cruel ato de queimar a mão do menino. Além dos tipos de violência elencados acima, temos também a violência social a qual toda a família está submetida, uma vez que famílias inteiras de ribeirinhos deixavam suas casas em busca de emprego e qualidade de vida, e, ao chegar aqui, em Manaus, deparavam-se com um cenário nada propício para o progresso, ou seja, os caboclos que vinham fugindo do submundo das florestas, ao chegarem em Manaus, continuavam sendo punidos com os mais rigorosos tipos de violência, porque, ao chegarem à capital do estado do Amazonas, essas pessoas se confrontam com o desemprego, com a exploração da força de trabalho e com os altos custos para se manterem na capital.

Como já mencionado, a partir da leitura do conto, percebemos que o menino sofria inúmeras violências, posto que sua infância fora roubada e, em seu lugar, fora-lhe entregue uma árdua rotina de trabalho na fabricação caseira de balas de cupuaçu. Ao menino, apenas o trabalho, nada de brincadeiras, senão o castigo vinha depressa.

Vejamos então mais um excerto do texto a fim de averiguarmos como era vida/rotina desta criança.

O menino ajudava na pequena indústria doméstica, ele já sabia muito bem quando a pasta estava em ponto de bala, mas enquanto não, reparava o tacho que queimava sobre o fogão de barro comedor de lenha verde. Depois vestia as balas, quase sempre mil, de papel vegetal. E tudo pronto, ainda era ele que sairá para distribuí-las pela freguesia de subúrbio, a cesta pesando nos ombros magrinhos, pesando, pesando, o menino arriava onde quer que encontrasse parceiros para jogar bolinha com caroço de tucumã, ele era temido na pontaria. (GOMES, 2005, p. 50).

Neste fragmento, visualizamos vários tipos de violência. A família que busca em meio à “Selva de pedra” conseguir o sustento de cada dia, mas para isso sofre constantemente com as mazelas sociais da falta de emprego e dos altos custos dos alimentos que também são uma forma de violência que visa inibir o progresso da pequena indústria familiar. Essa família sofre com as privações da vida na cidade grande, as dificuldades são inúmeras e os sacrifícios também, posto que faltam para esta família condições mínimas para uma sobrevivência digna. O alimento quase sempre era escasso e quando era possível comprá-lo, os altos custos diminuía as aquisições, sendo que só conseguiam o básico para sua subsistência.

6 Considerações Finais

Temos em “Rosa de carne”, um conto moldado pelo inquebrantável rigor da figura paterna, emoldurado pelos diversos tipos de violência e austeridade educacional, uma vez que a narrativa traga para discussão o silêncio daqueles que se encontram, em situação socioeconômica desfavorecida, diante disso, torna-se premente endossar que as personagens desta narrativa são destituídas de identidade e





essa privação é uma das problematizações sociais evidenciadas na diegese. Além disso, observamos que as questões abordadas neste estudo, tais como: a) a exploração do trabalho infanto-juvenil; b) violência intrafamiliar; c) o êxodo rural; d) a relação intertextual entre o poema drummondiano e a ficção de Carlos Gomes contribuíram para mostrar que “Rosa de carne” é um flagrante/painel da realidade do pobre, do ribeirinho, do caboclo, do brasileiro que luta contra as adversidades de uma sociedade cruel. É tanta crueldade que faz o leitor pensar na humanização da literatura ou na desumanização do homem que age de acordo com o meio, que trata consoante é tratado, que pune conforme é punido.

Referências

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Mundialização do Capital – A Nova Degradação do Trabalho na Era da Globalização**. 2. ed. Londrina: Editora Praxis, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço**. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BUENO, Francisco da Silveira. **Estilística brasileira: o estilo e a sua técnica**. Saraiva, São Paulo, 1964.

GOMES, Carlos. **Mundo mundo vasto mundo**. Org. Tenório Telles. 3. ed. Manaus: Valer, 2005.

GONGORA, Anderson Possani. **Uma representação contemporânea da violência em contos e novelas de Sérgio Sant’anna**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

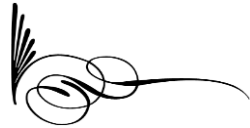
LIMA, Grasiela Lorenzon de. Representação da Violência no conto “O Cobrador”, de Rubem fonsenca e no Livro *O Matador*, de Patrícia Melo. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, dossiê n. 04, nov. 2010.

MARTINS, Georgina. Narradores da exclusão ou a infância pobre na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 41, p. 119-148, jan./jun. 2013.

Marx, Karl. Towards the Critique of Hegel’s Philosophy of Right. In: FEUER, Louis S. (ed.). **Marx and Engels: Basic Writings on Politics and Philosophy**. Londres: Fontana, 1969.

MUECKE, D. C. **Ironia e o irônico**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1995.





PELEGRINI, Tânia. As vozes da violência na cultura brasileira contemporânea. **Crítica Marxista**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 132-153, 2005.

PINTO, Zemaria. **O Conto no Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2011.

TELLES, Tenório. **Clube da Madrugada – presença modernista no Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2014.

